



A FESTA DE SÃO LUÍS DE MINAS (MG): DESCORTINANDO DISTINTAS NARRATIVAS

The Festival of São Luís de Minas (MG): revealing different narratives

El Festival de São Luís de Minas (MG): revelando diferentes narrativas

Naiara Alves Fonseca¹

Resumo: Este artigo descreve a festa de São Luís de Minas, na comunidade do mesmo nome, no município de Coração de Jesus (MG). Este evento marca o calendário local da cidade e representa um evento intensamente vivido pelos moradores. O principal objetivo deste trabalho consiste em realizar uma descrição densa da festa, descortinando distintas narrativas a partir do saber e da experiência local. O método utilizado foi a observação participante durante a ocorrência da festa. Estratégias investigativas como entrevistas e levantamentos bibliográficos sobre a festa foram também utilizados. As considerações finais sugerem a efervescência coletiva produzida pela Festa de São Luís de Minas, bem como destaca que a periodicidade anual da festa renova sentimentos de pertencimento, vínculo social e diversas subjetividades entre seus participantes.

Palavras-chaves: São Luís de Minas; Festas; Efervescência coletiva; Vínculo Social.

Abstract: This article describes the festival of São Luís de Minas, in the community of the same name, in the municipality of Coração de Jesus (MG). This event marks the city's local calendar and represents an event intensely experienced by residents. The main objective of this work is to provide a dense description of the festival, uncovering different narratives based on local knowledge and experience. The method used was participant observation during the party. Investigative strategies such as interviews and bibliographical surveys about the party were also used. The final considerations suggest the collective effervescence produced by the Festa de São Luís de Minas, as well as highlighting that the annual frequency of the festival renews feelings of belonging, social bonds and diverse subjectivities among its participants.

¹ Cientista Social formada pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, MG, Brasil. E-mail: fonsecanaiara632@yahoo.com

Artigo submetido em: 07 de março de 2024.

Artigo aceito em: 01 de abril de 2024

Artigo publicado em 22 de abril de 2024.



Keyword: São Luís de Minas; Parties; Collective effervescence; Social Bond.

Resumen: Este artículo describe la fiesta de São Luís de Minas, en la comunidad del mismo nombre, en el municipio de Coração de Jesus (MG). Este evento marca el calendario local de la ciudad y representa un acontecimiento intensamente vivido por los residentes. El principal objetivo de este trabajo es proporcionar una descripción densa del festival, descubriendo diferentes narrativas basadas en el conocimiento y la experiencia local. El método utilizado fue la observación participante durante la fiesta. También se utilizaron estrategias investigativas como entrevistas y levantamientos bibliográficos sobre el partido. Las consideraciones finales sugieren la efervescencia colectiva producida por la Festa de São Luís de Minas, además de resaltar que la frecuencia anual del festival renueva sentimientos de pertenencia, vínculos sociales y subjetividades diversas entre sus participantes.

Palabras clave: São Luís de Minas; Fiestas; Efervescencia colectiva; Vínculo Social.

Introdução

Este trabalho se debruça sobre uma comunidade em tempo de festa. Um tempo em que a comunidade de São Luís de Minas homenageia com muita festa São Luís Gonzaga, São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida. A festa, em especial, aquela dedicada a São Luís Gonzaga, padroeiro da comunidade, representa nosso foco central. Busco aqui investigar os fortes sentimentos que a festa oportuniza para os moradores.

Considerando a efervescência coletiva (DURKHEIM, 2000) que a realização da Festa de São Luís Gonzaga oportuniza para a comunidade local, bem como sua importância como um forte marcador social para a identidade coletiva do povoado, entendemos que a investigação das efervescências coletivas nos festivais religiosos da comunidade de São Luís de Minas é de fundamental importância para a vida coletiva local.

Este trabalho busca descrever a festa de São Luís não somente por ser um evento local e tradicional da comunidade, mas especialmente por revelar as forças sociais que ela gera para o local. Como esclarece Perez (2002), a festa se opõe ao ritmo regular e rotineiro da vida, transgredindo sistemas de interdições. Nesta temporalidade festiva, a comunidade de São Luís de Minas, deixa-se revelar em outros modos de sociabilidade. Como esclarece Leonel (2010), nos tempos da festa, tem-se “não só em interesses racional-utilitários, mas interesses emocional-afetivos”, bem como ações lúdicas dos sujeitos que participam da festa. Assim, estabelece um outro vínculo social, ao qual se oportuniza uma vida coletiva produtora de muito sentido para os moradores de São Luís.

Não somente a festa, propriamente dita, mas também as relações criadas através dos preparativos para o evento, os vínculos de religiosidade da grande maioria da comunidade, com o envolvimento de diversas faixas etárias compõem distintas relações. O presente artigo



apoia-se em uma metodologia qualitativa. Em seu desenvolvimento, a observação participante, os estudos bibliográficos e as entrevistas marcaram a construção do conhecimento aqui apresentado.

Através deste estudo investigativo sobre a Festa de São Luís, localidade também conhecida por Esporas, foi possível identificar a força expressiva dos santos, padroeiros locais, sobretudo quando eles são homenageados. O estudo também desvela a historicidade da comunidade, local onde eu morei até os dezoito anos. Ao me debruçar sobre a festa, foram descortinando temas, sujeitos e afetos de uma forma muito surpreendente. A religiosidade local, a força do lugar, os moradores presentes, outros ausentes, tudo isso se relacionava com a festa tradicional.

De modo que foi muito importante o desejo em conhecer profundamente tanto a história do local, como da sua festa, incluindo os personagens que fizeram parte e ainda fazem. E com isso o propósito de reverberar para os leitores e os próprios moradores a importância que ambos trazem, e o impacto sobre a vida de muitos. Através das reflexões após a incursão ao campo, notoriamente percebe-se que a festa cria nos seus organizadores um sentimento de orgulho, e mais, é como se ela, a festa, fosse algo como um compromisso maior da vida. Já para outros é como se o tempo da festa fosse sagrado e a sua realização fosse algo imprescindível.

Certamente tudo isso me afetou positivamente e me impulsionou a estudar cientificamente a relação entre o sagrado, os santos, os devotos e a festa, buscando apoiar-me por uma historicidade que não começa apenas com um festejo ou homenagem. A minha indagação diante deste universo de relações buscava sondar as contribuições, os ordenamentos que a festa oportuniza para conhecer o surgimento da comunidade, a construção das igrejas locais, o início das moradias da comunidade, que, diga de passagem, atualmente passa por mais de quatrocentas moradias.

Inicialmente foi através da minha curiosidade e do meu zelo que existe em mim pela comunidade que surgiu o desejo de redigir todo conhecimento adquirido durante o processo de pesquisa. Seguindo um percurso metodológico, para em seguida realizar a escrita deste trabalho, primeiramente realizei diversas entrevistas a familiares, sobre o que eles conheciam dos antepassados da região, quais histórias contadas a eles sobre o surgimento da comunidade, igreja, escola e outros. E por muitas dessas vezes as respostas eram bastante heterogêneas.



Algumas marcadas por lacunas, outras plenas de sentido e com muitos contos, causos e mitos. Algumas revelavam um conhecimento muito insatisfatório sobre a história local. Essa ausência de conhecimento histórico persiste até os dias de hoje, pois através de entrevistas ficou claro para mim que algumas pessoas desconhecem boa parte da história do lugar. Neste sentido, a busca em sites, livros regionais e alguns informantes locais favoreceram enormemente a construção do presente trabalho.

Na primeira visita ao campo, no dia 17 de outubro de 2021, na casa de João Lúcio, na própria comunidade, realizando uma entrevista, ele me oportunizou todo o seu conhecimento do saber local, local onde ele vive com a sua família. Ainda hoje recordo-me bem deste fato pois foi o primeiro e importante passo para a realização desta monografia. Após isso, foram muitas as perguntas e respostas que emergiram. Sem esse “mergulho” no campo, mas também sem uma perspectiva antropológica, dificilmente este trabalho poderia ter vindo a lume.

Um breve sobrevoo pela história de São Luís de Minas

São Luís de Minas ou Esporas, por muitos assim conhecida, é uma comunidade da zona rural do município Coração de Jesus, localizada ao norte do estado de Minas Gerais. Arraial, desde os anos de 1777, também foi denominada de Sagrado Coração de Jesus. Somente no ano de 1928 a cidade recebeu o atual nome, de acordo com os dados fornecidos pelo site da prefeitura local. Em 1948, com a publicação da Lei nº 336, foram estabelecidos os seguintes distritos: Alvação, Ibiaí, Lagoa dos Patos, São Geraldo, São João da Lagoa, São João do Pacuí, e São Joaquim. Sua população foi estimada em 2021 pelo IBGE em 26.620 pessoas, ainda segundo o IBGE em 2019 o PIB chegou em 8.495,93R\$. A cidade de Coração de Jesus também é conhecida regionalmente como a cidade dos dinossauros, por ter sido encontrado o fóssil mais antigo da espécie tiranossauro da América-do-Sul.

Em São Luís de Minas (Esporas) destacam-se as comunidades vizinhas de Salto, Luiz Pires de Minas (regionalmente conhecida como Lapinha), Almecegas, Espigão e o distrito de Alvação, além delas, Riachão, uma comunidade do município de Mirabela. Todas estas comunidades dão acesso à chegada em Esporas, advindo de Coração de Jesus, Montes Claros, Mirabela e Brasília de Minas.

Esporas é composta por pequenos estabelecimentos comerciais, como bares e supermercados. Conta com boas habitações que se estendem por toda a pequena comunidade.



Possui aproximadamente quatrocentas habitações na comunidade. Conta-se em número satisfatório a presença de cemei's e escolas. Além destas composições que dão a uma quantidade mínima de pessoas uma fonte de renda, as principais atividades econômicas estão na zona rural, o que permite que a maioria da população tenha como sobreviver. Para a população mais jovem da comunidade a solução passa pela conclusão do ensino médio, e daí a migração para outras cidades para alcançar empregos e renda e em alguns casos dar prosseguimento aos estudos em cursos de formação superior. As atividades econômicas representam uma parcela ínfima da fonte de renda dos moradores de Esporas.

A história local de São Luís de Minas começa pelo nome de Esporas. Conta-se que no córrego da cidade (que logo depois ficou conhecido como córrego das Esporas), de grande profundidade, que desaguava no rio Riachão, reunia grande número de pessoas, sobretudo de vaqueiros, pois ele oferecia vários meios de deslocamentos. Em certa ocasião, em uma das travessias pelo córrego um vaqueiro perdeu sua espora e passou a procurá-la pelo rio, pois espora no passado representava um artigo raro, em geral feito de prata, com um custo bastante elevado. Daí o vaqueiro persistiu na busca pela espora que havia perdido no rio, solicitando inclusive que seus familiares e conhecidos o ajudassem a localizá-la. Foi a partir deste evento que surgiu o nome de Comunidade de Esporas. E com o passar do tempo foram sendo construídas pequenas habitações. Conta-se que a família Rego foi uma das primeiras famílias a habitar Esporas. Hoje boa parte desta família vive em uma parte da comunidade chamada Cabeceira. O senhor João Lúcio, que colaborou com esta pesquisa, morador da comunidade, de origem da família Rego, descreveu que até mesmo nos primeiros manifestos festivos do local e isso se estende atualmente, esta família colaborou ativamente para sua realização.

A construção de uma pitoresca igreja de Nossa Senhora Aparecida marca o início da religiosidade local. A Igreja foi construída pela iniciativa de alguns poucos moradores da cidade. Práticas como reza do terço, orações, entre outras, revelam as manifestações do sagrado na localidade. A igreja depois de muito tempo de construída veio a cair em decorrência de um temporal na região, mas foi reconstruída tempos depois.

O crescimento em massa da comunidade e o pouco espaço que aquela igreja obtinha, contribuiu para que uma nova igreja fosse construída em honra a Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião. Diante desta ocorrência surgem os primeiros manifestos festivos do local. O que antes era somente novena, folia de reis e rezas, agora passa a incrementar três dias de



festas, dando início em todos os anos no primeiro final de semana do mês de julho, com leilões, batismo, casamento, levantamento de mastro, busca da bandeira, fogueiras com mais de 10 metros de altura, shows e alvorada com um saboroso café com biscoito regional. Com o passar do tempo, a igreja foi ficando pequena para abrigar suas diversas manifestações. E a atual igreja foi construída com mais um homenageado, São Luís Gonzaga.

A comunidade, ao longo dos anos, foi se organizando para realizar uma festa cada vez mais ampliada. Atualmente a festa acolhe inúmeros visitantes de diversas partes do Brasil. Além disto a duração passa a ser quase uma semana festiva, acrescentando a famosa quadrilha da escola local no último dia de festa. Além da presença das pessoas da própria comunidade, coletivos de várias regiões e comunidades vizinhas passaram a prestigiar a festa mais assiduamente. É muito recorrente a presença de antigos moradores da localidade que saíram da comunidade para distintos lugares em busca de uma condição de vida melhor retornarem para a cidade nos tempos da Festa. Segundo um festeiro local, é muito comum pessoas oriundas de grandes cidades como Belo Horizonte e São Paulo. “Já teve batizado de pessoas do Paraná” completa o festeiro local. Ainda segundo este festeiro, ele acrescenta:

Os artistas a gente tinha só artistas da terra que cantava aqui, só nós mesmos reunia e cantava, hoje é artista de fora oferecendo para vim cantar aqui na festa, é porque crio fama né, aqueles que canta aqui no outro ano quer voltar de novo.

Uma sucinta abordagem teórica da Festa

Para Durkheim (2000), a festa se dá através de um conjunto de rituais em que uma efervescência coletiva engloba a corporalidade, as emoções e as convicções. Este conjunto ritual exerce sobre o indivíduo um modo de pertencimento. A festa engloba um conjunto de “representações dramáticas” e “recreações coletivas”, que leva o indivíduo a sair, ainda que temporariamente, do seu mundo comum e viver o imaginário que a festa produz. A festa oportuniza, segundo Durkheim, um sentimento de “exaltação”, e isso é uma maneira de efervescência, que permeia os “momentos/situações” e com isso as interações sociais tornam-se mais frequentes e mais ativa.

A efervescência da festa está na “participação ativa” e “fora das condições ordinárias da vida e tem-se tanta consciência disso, que se tem a necessidade de colocar fora e acima da moral ordinária” (DURKHEIM, 2000, pág.85).



Vale ressaltar que estes vínculos não são aqueles do interesse, do cálculo racional, e sim, segundo Durkheim, os sentimentos e emoções. Segundo Durkheim

(...) toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (2000: 547-548)

A abordagem que este autor desenvolve em sua linha de pensamento é a noção do sagrado que produz transformações nos indivíduos em dias de festa, sendo um “grau excepcional de intensidade”. O sagrado, em seu contágio, alcança os sujeitos através de uma emoção especial, cuja representatividade é expandida no seio da vida social.

Próximo à perspectiva teórica de Durkheim, Isambert define a festa por meio de duas modalidades: a festividade e a cerimônia. Ambas têm entre si vínculos comuns, embora a classificação seja distinta. A festividade para o autor está delineada como efervescência coletiva e pode se designar nas festas como divertimento. Já a cerimônia, constitui-se em um fator de rito (ritual), ao qual se observa ordem/organização e se apresenta nas festas como uma maneira de identificação.

De modo geral, toda festa é um ritual para Isambert. Distingue-a também como um “tempo consagrado” e através da duração festiva tudo é festa durante o tempo da festa. Em função da sua dimensão paradoxal, isto é, extra-lógica, extra-temporal e extra-ordinário, “a festa comporta uma multiplicidade de atividades de naturezas diversas, o que a distingue de uma simples cerimônia” (ISAMBERT, apud PERES, pág. 23).

A função principal da festa, nesta perspectiva, é reafirmar os elos que unem os grupos (ISAMBERT, apud PERES, pág. 27). Para Isambert, toda festa necessita, tanto de um “objeto de consagração”, quanto precisa também de um valor atribuído a este “objeto de consagração”.

A atribuição de valor a esse objeto é de fundamental importância para o vínculo festivo. Não basta, portanto, o objeto de consagração, é preciso que haja em torno dele uma forte significação. É válido ressaltar que segundo Isambert, pode ocorrer a existência de mais de um objeto de consagração em uma festa. Neste sentido, ligo esta reflexão à Festa de Esporas, que possui mais de um objeto de consagração para celebrar, defino assim mais de um santo padroeiro, mais de um rito de celebração.



Na reflexão de Roger Caillois, outro teórico, a festa se constitui pelo que ele denomina de “sagrado de transgressão”. Isto é, a festa possibilita a transgressão dos impedimentos sociais cotidianos, das regras sociais, estabelecendo, ainda que momentaneamente, uma oposição à vida ordinária e rotineira. Pelo “sagrado de transgressão”, a festa renova as energias da vida social desgastada pelo tempo.

Outro elemento que compõe a perspectiva da festa deste autor é o excesso. Este não é visto apenas como uma forma de agitação, mas é um elemento importante da festa porque ele representa “o remédio contra a usura do tempo. (CALLOIS, APUD PERES, pág. 29). Para Caillois, o tempo desgasta e envelhece as sociedades. Através da festa, tem-se a renovação das forças sociais. Em resumo, esclarece Caillois:

Em sua forma plena, com efeito, a festa deve ser definida como paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo. Ela é o seu ponto culminante não só do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação das riquezas, o dos mercados mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas. Ela aparece como fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera em seu ser. (CAILLOIS, 1989, p. 130-131; 166).

Ainda para este autor, a festa promove sobre os indivíduos uma experiência mediada de comoção, de efervescências, tudo isso de forma excessiva e paradoxal. A seguir debateremos com Marcel Mauss sobre festas, a partir do seu estudo sobre as variações sazonais da sociedade esquimó, bem como sua reflexão sobre as trocas-dávicas.

De acordo com Marcel Mauss, cada sociedade tem um fato que chama a atenção da população, geralmente eles ocorrem de forma simbólica, de forma significativa, que contribuem culturalmente, ainda que ocorrendo apenas uma vez ao ano, de forma cíclica. Para Mauss, esse fato anima toda a sociedade. Estruturam-se as emoções, crenças, simbologia da história do lugar, levando em conta o seu centro de mobilidade que estimula o povo

A festa é um fator que mais desperta a comunidade em um determinado período do ano. Ela contribui para que naquele momento se renove o enriquecimento da história ou das histórias, de lembranças, sendo algo tão comovido que faz com que as pessoas venham participar do movimento, deixando o seu particular para adentrar no coletivo, já que neste sentido a festa elabora relação do indivíduo com o espaço, e tem com o coletivo a principal performance, e assim se diversifica e cria produção, bem como a sociabilidade. Outro ponto destacado por Mauss é que a festa, como qualquer outro aspecto cultural, oscila os modos de estar na sociedade, em um movimento ora de aglomeração, ora de distanciamento. Durante as



festas, temos um período com intensas relações contínuas da população e o pós festa é o período em que se dá a dispersão. Na festa, "é o momento em que os mitos, os contos são transmitidos de uma geração à outra" (Mauss, 1974, p. 294).

Decorrente do sentir e do experimentar que a comunidade expressa de si mesma, da percepção de pertença, de que naquele lugar estar a efervescência da sua existência, da história de vida pessoal, a festa age sobre seus participantes.

Para Mauss, o sentimento que a comunidade tem de si mesma, de sua unidade, nas festas isso transparece de todas as maneiras. As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos delas participam, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas (as festas) exprimem.

Neste sentido, é a adesão do indivíduo em meio ao grupo, que de forma coletiva produz relações, trocas, sentimentos, e constrói um senso comum de pertencimento. Segundo Mauss (1974, p. 297) "assim, em tal momento, o grupo não só encontra sua unidade, como vê formar-se em um mesmo rito o grupo ideal composto de todas as gerações que se sucederam desde os tempos mais recuados".

Em seus estudos, Marcel Mauss destaca também o conceito de trocas-dávivas realizadas por povos tradicionais. Segundo ele, "uma parte da humanidade, relativamente rica, trabalhadora, criadora de excedentes importantes, soube e sabe trocar coisas consideráveis, sob outras formas e por outras razões que não aquelas que conhecemos." (1974, pág.102). Entre estes povos, a troca-dáviva é mais importante do que as coisas trocadas, dado que

o que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de mais, amabilidades, festins, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras cujo mercado não é senão um dos seus momentos e em que a circulação das riquezas mais não é do que um dos termos de um contrato muito mais geral e muito mais permanente. (MAUSS, 1974, pág.102).

A partir desta abordagem, pode-se dizer que a troca-dáviva está presente no vínculo festivo, mesmo entre as sociedades modernas, pois as festas, em geral, carregam a possibilidade de uma condição extra-lógica, que busca romper com a utilidade e o cálculo, conforme já apontamos antes.

A festa também estabelece laços, o retorno ao ambiente onde foram criados, as amizades, os afetos, ou uma revivescência de histórias de namoro, casamento, batizado etc. Tudo isto ocorre no mundo da festa. São vínculos que se ligam por um determinado momento e podem ser reforçados fora deste momento também.



É por meio destas relações festivas que a sociedade elege os elementos que definem a localidade, como a cultura da população, os seus estilos de danças, músicas, artesanato, objetos, ritos diversos, intensificando a dinâmica das relações sociais. De tal modo que denota também a conjuntura que o indivíduo experimenta dentro da organização social, não podendo ocorrer de modo algum o desrespeito as normas da comunidade.

Em São Luiz, toda a comunidade durante a festa se volta para a cultura, para a história do início daquela sociedade, o significado representacional que o Santo tem para o local, a manifestação de coisas típicas regionais postas na comemoração do evento. A preparação e a realização da festa, em suas múltiplas dimensões e características, apresentam um fundo identitário para a comunidade.

Segundo Bezerra (2008),

"as festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham também um importante papel na relação entre o homem e o lugar em que vive, pois essas manifestações refletem no modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente" (BEZERRA, 2008).

Neste sentido, as festas traçam relações do indivíduo com o espaço, com a coletividade, e assim apresentam uma performance de diversificação, bem como produzem um modo de sociabilidade. Desta perspectiva, Perez (2002) aborda que

a singularidade das festas, como fenômeno social, estaria na sua condição de ato coletivo extralógico, extratemporal e extraordinário, consagrando a reunião através da libertação da temporalidade linear. A lógica da utilidade e do cálculo são aí substituídos pela lógica do excesso, pelo lúdico e pela exaltação dos sentidos, com forte acento hedonístico e agonístico.(PEREZ, 2002, pág. 18).

Segundo Perez (2002) a festa religiosa revela uma estrutura paradoxal, a partir da perspectiva do sagrado e da sua representatividade coletiva. As manifestações festivas sob essa ótica produz fortes vínculos sociais.

É nítido isto em comunidades rurais. Toda a comunidade durante a festa se volta para a cultura, para a história do início daquela sociedade, o significado representacional que o Santo tem para o local, a implantação de coisas típicas regionais postas na comemoração do evento. E para Perez (2002)

Num tal multiverso, a festa configura-se como um potente mecanismo de operação de ligações. Pouco importa se é festa religiosa ou profana, o que vale é o espaço privilegiado de reunião das diferenças, o espaço de figurações sociais, de assembleia coletiva e de sociabilidade. (PEREZ, 2002, 18).



Canclini (1983) aborda alguns traços das festas rurais que são importantes para o entendimento das festas: ruptura do tempo normal; caráter coletivo do fenômeno da festa, participação de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, como expressão de uma comunidade local; caráter compreensivo e global, uma vez que a festa abrange os elementos mais heterogêneos e diversos sem distinção nem especialização (jogos, danças, ritos, música etc., ocorrem no interior de uma mesma celebração global); necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre (a praça, o pátio da igreja etc.); caráter fortemente institucionalizado, ritualizado e sagrado (a festa tradicional é indissociável da religião); impregnação da festa pela lógica do valor de uso (como consequência: festa-participação, e não festa-espetáculo). No entanto, “todas as possibilidades de consumo estão reunidas: a dança e a poesia, a música e as diferentes artes contribuem para fazer da festa o lugar e o tempo de um desencadeamento espetacular” (Bataille, 1996, p. 26).

Estes traços caracterizam muito as festas em comunidades rurais, que se comemora em algum local que é típico da Comunidade e ali são inseridos todos os elementos que definem bem a localidade. É muito recorrente a presença de grupos, barracas e dentre elas as comidas típicas, artesanatos, todo um modo de rede econômica, rede de diálogo, dança, oração, trocas, a cada detalhe uma simbologia diferente.

Ao analisarmos estes aspectos, retomamos a teoria de Perez (2002) que sugere que a festividade é um fator de socialização que produz laços sociais. Apoiando-se no conceito de socialização, em Simmel, essa autora destaca a dimensão lúdica das festas.

De acordo com Simmel, socialização refere-se a um “processo permanente do vir-a-ser da vida social, processo sempre *in fiere*, que está acontecendo sem que se possa dizer que já aconteceu” (SIMMEL, apud PERES, 2002, pág. 18). Pode-se dizer, então, que o conceito revela o dinamismo que produz a vida social. Nesta abordagem, não se pode falar em sociedade sem falar neste dinamismo que constitui a vida social conceituado por Simmel como socialização. Vale ressaltar que para Simmel o conceito de socialização não se confunde com socialização.

A socialização diz respeito a “forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfaçam seus interesses” (SIMMEL, apud PERES, 2002, pág. 18). Peres busca deixar claro a noção de interesse em Simmel. Segundo ela,

A noção de interesse não está relacionada ao cálculo utilitário e ao egoísmo individualista, característicos da modernidade ocidental. Interesse, impulso,



propósito, inclinação, estado psíquico, movimento são as matérias com as quais a vida é preenchida”, no entanto, em si mesmos, não são sociais. Tal como ele diz: “Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de socialização apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro. (SIMMEL, apud PERES, 2002, pág. 18).

Sob esta abordagem, a festa é, por excelência, um fator de socialização, em que os sujeitos são com os outros e para os outros. Não se tratando, portanto, de uma mera junção de pessoas, sem propósito ou fim. Ser como o outro, ser para o outro são as possibilidades que o vínculo festivo produz.

A festa, para além de um fator de agregação, também é uma construção, e para compreender seu todo, é necessário começar por três elementos básicos, “a festa é, antes de mais nada e acima de tudo um ato coletivo extra-ordinário, extra temporal e extra-lógico[...] é pela conjunção dessas três características constitutivas da festa que podemos defini-la como paroxismo” (PEREZ, 2002, p.19). Segundo essa linha de raciocínio, o extra-ordinário é o ato coletivo, que irá além do cotidiano comum, pois os sujeitos em festa encontram-se em estado de exaltação, de efervescência coletiva. O extra-temporal, é onde os indivíduos escapam da lógica do tempo linear (isso por meio do vínculo festivo). O extra-lógico diz respeito à superação da lógica da utilidade e do cálculo, mas sim ao desejo de estar junto, movidos por uma lógica pontuada de sentimentos.

Em resumo, pode-se dizer que a festa possibilita uma produção simbólica da vida social e ao mesmo tempo faz com que a sociedade possa ser experimentada por modos distintos do mundo do trabalho. Esta experiência do meio social pelo vínculo festivo produz outros modos de vivenciar a vida social.

Descortinando a Festa

Desde o início das festividades em Esporas, tem-se um conjunto de ações desenvolvido pelos grupos que compõem a organização da Festa. Durante os preparativos da festa, observa-se a mobilização da população nas ruas, a fazer bandeirolas, organizar o estacionamento, decidir os locais das barracas, fecharem as ruas e até mesmo a segurança particular. Determinados atores se distinguem entre os grupos:



- Mordomos: contribui com recursos financeiros para compra de fogos, enfeite da bandeira e segurança da festa.
- Festeiros: colabora financeiramente com despesas da igreja, arrumação da igreja, despesas com a comida para os convidados em geral.
- Grupo litúrgico: se reúne para estabelecer estratégias de como ficará melhor, como irá fazer a divisão de organização das barracas, bem como as estratégias que completam a festa. Ao final da festa, tem-se um novo movimento para a limpeza.

Segundo um dos organizadores, depois da festa é melhor ainda, “aquela organização de limpeza, de guardar as coisas, fazer prestação de conta, o que gastou, o que faltou, o que fez tudo na vista da comunidade, com o pessoal reunido, com boa vontade para fazer isso”.

Diante de todos os meios de organização, um entrevistado ressalta o sentimento que tem durante este período, para ele é um orgulho terem uma boa organização, sendo até emocionante o dia em que se reúnem também a boa vontade que o povo tem em ajudar, é uma alegria, felicidade, com uma vontade de fazer tudo novamente.

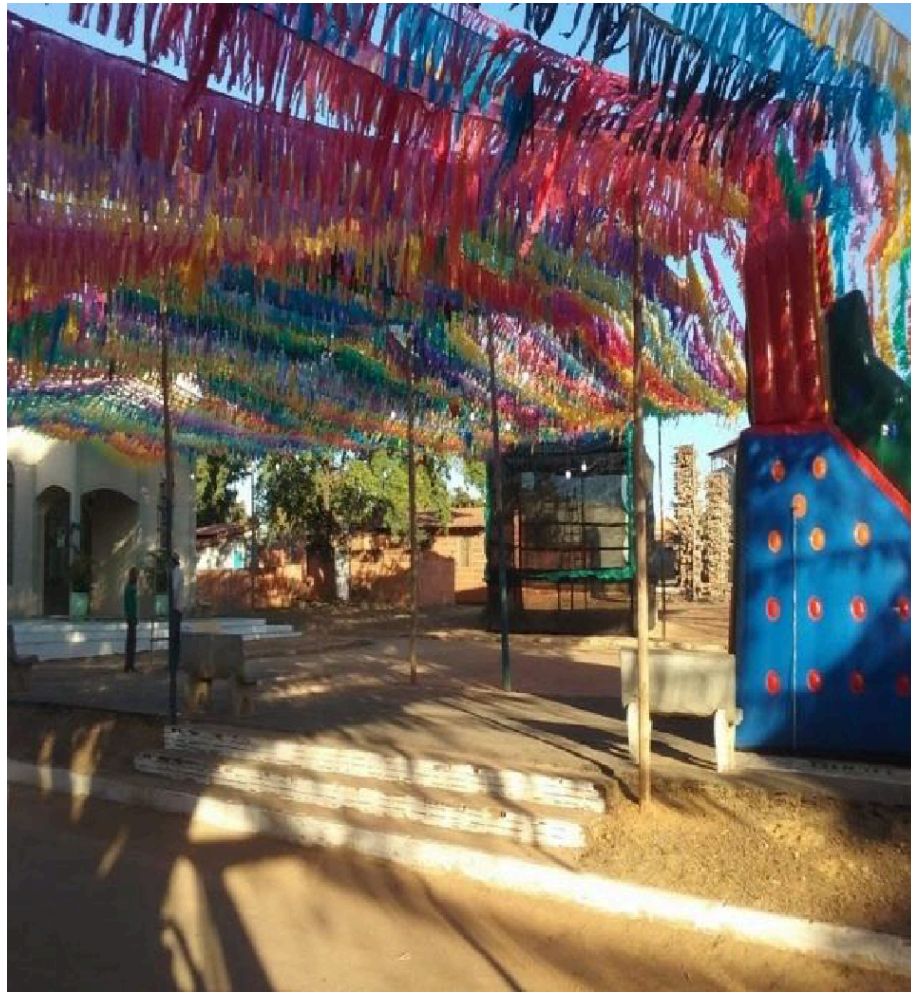
O início da festa tradicional se estabeleceu por meio da religiosidade entre os moradores da comunidade, através das rezas como o terço, novenas, missas. Alguns moradores da comunidade que atualmente já estão “bem de idade” propuseram um levantamento de mastro e busca da bandeira de São Sebastião, entre eles Thiago Pires e José Veloso, ambos também foram os primeiros mordomos.

Nestes primeiros tempos da festa, iniciava-se os festejos na sexta-feira e estendia-se até sábado, com realização de missa, batizado, casamento e shows. Com as transformações no interior da festa, sua programação ficou mais extensa, iniciando na primeira sexta-feira de julho, indo até a madrugada, prolongando para o dia de sábado, durante todo o dia e finalizando na manhã do domingo. Neste último dia, tem-se corrida de cavalos e torneio de futebol.

Com uma programação mais intensa e atrativa, muitas pessoas retornavam à cidade no período de julho para participar da festa. Além da presença das pessoas da própria comunidade, coletivos de várias regiões e comunidades vizinhas passaram a prestigiar a festa mais assiduamente.



Figura 1 - Preparação do Palco.



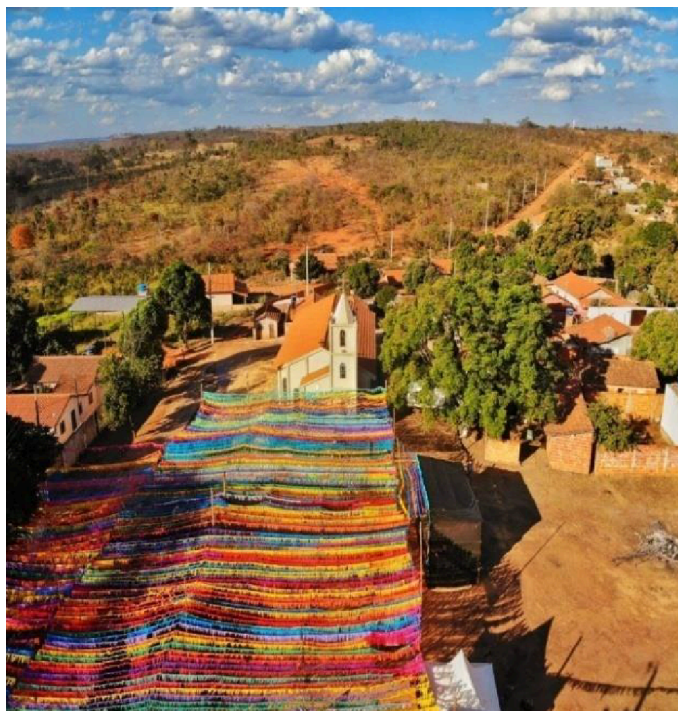
Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 2 - Bandeirolas postas ao alto, configurando uma exuberância de cores.



Fonte: acervo da própria autora.

Figura 3- Visão panorâmica do espaço de realização da Festa.



Fonte: acervo da autora



Considerações finais

Por meio dos modos investigativos realizados no presente trabalho denota-se a grande efervescência que a Festa tradicional de São Luís Gonzaga oportuniza para a comunidade local, sobretudo através da sua dimensão religiosa.

A perspectiva antropológica foi a principal abordagem para o processo da construção do presente trabalho, além de ser necessária para distinguir-se e misturar-se ao olhar costumeiro.

A exuberância não diz respeito apenas às praças, ricamente coloridas, mas também todo universo ritual marcado por folias, procissões, missas, cavalgadas, entre outras manifestações festivas.

É neste mundo da festa que mordomos, festeiros e moradores do lugar se encontram de um outro modo, despreocupados do mundo do trabalho, o que lhes permite o gosto de viver na cultura local, seus pertencimentos, bem como a construção da história do lugar.

Não é difícil perceber que a festa tradicional de Esporas, em seus distintos modos de produzir relações sociais, atribui uma modificação para toda a comunidade em si, de tal modo que alguns moradores se movimentam em um entusiasmo de colaborar com as mais diversas tarefas que a festa exige, ora na igreja, ora na praça central da comunidade. Trabalhos como limpeza, decoração, pinturas diversas, fogueiras, organização de barracas preenchem o tempo dos organizadores locais. Além disso, é fácil identificar que quase todos os moradores agregam também com as tarefas do lar, à espera de suas visitas.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, foi importante reconhecer o quanto a festa em sua periodicidade anual, renova sentimentos de comunhão, de vínculo social e diversas subjetividades entre seus participantes.

Sem a menor dúvida, o processo persistente de pesquisar o saber local, a religiosidade local, sobretudo a sua relação com os santos padroeiros, bem como a disposição de festeiros e mordomos em erguer a cada ano a festa aos seus homenageados, me possibilitou descortinar a riqueza e a complexidade que a festa oportuniza para a comunidade envolvida.

Ao longo da minha inserção ao campo de pesquisa, observei que a Festa de São Luiz, bem como seus elementos históricos, ganha diversas versões. Eu suspeito que inúmeras outras versões possam ter passado despercebidas por mim. Talvez eu tenha lidado com algumas delas. Mas compreendo que não poderia ser de outro modo pois a festa é apreendida por



diversos moradores, por diferentes famílias, por diversos devotos, por afinidades distintas a cada igreja, o que torna a interpretação da festa bastante desafiadora, pois são infinitos os fundamentos que a festa sugere aos seus participantes. E tudo isso se renova a cada novo ano.

Por fim, merece registro o poder aglutinador da festa de São Luís, sobretudo ao reunir pessoas das mais distintas faixas etárias, dos mais jovens aos mais velhos. Ao mesmo tempo em que convida seus participantes a abandonar, ainda que temporariamente, a vida ordinária e rotineira e experimentar a efervescência religiosa, produzindo outros modos de sociabilidade.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, A. C. A. *Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades*. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.

BOURDIEU, P. *A economia de trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo, Perspectiva, 1987.

CAILLOIS, Roger. *L'Homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1989.

CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo São Paulo*: Brasiliense, 1983.

CLAVAL, P. *A festa religiosa* - DOI 10.5216/ag.v8i1.29952. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 8, n.1, p.6–29, 2014. DOI: 10.5216/ag.v8i1.29952. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/29952>>. Acesso em: 29 jun. 2022>.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC- Livros técnicos e científicos, 1989.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 30 novembro de 2021.

ISAMBERT, François. *Fête*. Encyclopaedia Universalis. Paris: Encyclopaedia Universalis France, 1968.

LEONEL, G. G. *Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos* - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2010v11n15p35. Cadernos de História, v. 11, n. 15, p. 35-57, 31 out. 2010.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia. São Paulo, EPU, 1974. v. II.



MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó*. Sociologia e Antropologia. V. II. São Paulo, EPU, 1974. p. 237-326.

PEREZ, Léa Freitas. *Antropologia das efervescências coletivas*. In: PASSOS, Mauro. A festa na vida: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.

Prefeitura Municipal de Coração de Jesus. Coração de Jesus, 2021. Disponível em: <<https://coracaodejesus.mg.gov.br/>>. Acesso em: 30, novembro de 2021.

Santos e ícones católicos. Disponível em <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-luis-gonzaga/268/102/>>. Acesso em: 28, abril, 2022.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. P. 199.

SIMMEL, Georg. *Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal*. Georg Simmel: sociologia. In: Morais filho, Evaristo (org). coletânea. São Paulo: Àtica, 1983.

